

Crônicas

Katianne Scherer

Crônicas – Katianne Scherer

SCHERER, Katianne. (2022) Coleção de Crônicas da Autora, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos -Passo Fundo, Monografia, 11 páginas

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 26/06/2018

Título : AOS 40

Categoria: Crônicas

Descrição: Abordagem sensível da idade dos 40 anos na vida de uma mulher.

Numa corrida, alcançar os 40 km de velocidade, pode transformar qualquer pessoa em medalhista. Qualquer um não, vale ressaltar. Afinal, o ser humano que atingir essa marca correndo é no mínimo um recordista, que raros até então puderam alcançar; levando, certamente, esses super-humanos, às sensações únicas de vitória e superação. O que se sente, por sua vez, aos 40 km por hora pedalando uma bicicleta, pode ser, sem dúvida, pura adrenalina. Vento na cara, emoção em cada pedrinha ou pequeno desnível que se transforma em obstáculo nessa velocidade, em duas rodas.

Já de carro, é relativa a média dos 40km por hora. Se numa autopista é muito menos que a velocidade dos primeiros segundos da arrancada do carro. Na via expressa é infração, pois, chega a atrapalhar os demais carros em movimento, causando até acidentes. Numa via urbana beira a normalidade, se pensar nos congestionamentos e no sem número de cruzamentos, com placas de pare, obrigando a redução de velocidade e a manutenção da mesma, baixa e constante.

Porém, ao alcançar 40 anos de vida, já não se pode falar em velocidade. A equação muda. Não é mais a fórmula física em que a média de deslocamento e tempo dão a exatidão da velocidade necessária para chegar a um ponto ou percorrer trajeto específico. Aos 40, o mais importante é justamente o próprio trajeto e o tempo...

Importa o que acontece ao longo dessas distâncias que unem um ponto a outro, um ano

ao outro. Não se questiona mais a velocidade, porque essa, tantas vezes, gerou atropelos e nada antecipou, senão angústias e resultados precipitados, não trouxe prêmios, apenas, ansiedade.

Aos 40, pouco importa se a chegada será rápida ou quantos ficarão para trás. Sequer é importante pensar "aonde" vai se chegar... Porque não há mais disputas; há necessidades, objetivos mais claros, sonhos amadurecidos, transformados. Esses destinos não exigem pressa, mas, certa perfeição de acabamento quando forem alcançados e experimentados, enfim.

Ao contrário do que se imagina sentir, em idades mais avançadas, o tempo se esvai e cessará em breve; aos 40, o equilíbrio do que se viveu e o que há para viver pela frente é tão sensível que chega a emocionar. É possível se imaginar no meio do caminho e a sensação é o presente: muito se viveu, mas pouco perto do que se poderá ainda viver! As sensações são bem outras aos 40. Torna-se fácil perceber que muitos erros e equívocos foram cometidos pela pressa... Possível enxergar que muitos acertos só são alcançados pela paciência.

Aos 40 a vida não começa. É mentiroso clichê, tão pisoteado. A vida aos 40 continua! Segue!

Os passos são mais firmes e menos trôpegos. Há mais segurança do que medo. Há mais fé do que dúvidas. O caminho tem mais beleza ou, melhor, caminha-se observando as belezas tantas vezes ignoradas pela pressa. Não dá vontade de ficar olhando para trás e se lamentando. Dá vontade de caminhar! Desacelerar e sentir cada detalhe do percurso. Rumo a próxima marca, só que sem pódios, sem medalhas, sem vencedores, sem recordes, sem correr. Só caminhar.

Data : 03/07/2018

Título : DRIBLANDO

Categoria: Crônicas

Descrição: Sobre os "dribles" do ser humano, tal qual jogador, para vencer na vida.

Em tempos de Copa do Mundo, o futebol fazendo parte (mais do que o normal) da rotina dos dias, é comum os comentários sobre um ou outro lance marcante em jogos de grandes times e jogadores de sucesso.

Normal, porque bons lances, marcam e ficam registrados mesmo. No esporte, marcam a quem joga, a quem assiste, a quem vê e se surpreende, a quem comenta. Estes lances, podem ser dribles com a bola, dribles no jogador adversário, aquele jogo de corpo dos jogadores para se desviar do outro sem perder seu foco na bola e no gol que se quer marcar. Levam até nomes engraçados os tais dribles.

Driblar é técnica que os desportistas apuram. Driblar é arte que poucos conseguem fazer de um jeito bonito de ver em campo. Driblar é o que todos aprendem a fazer, com ou sem técnica apurada, de forma bela ou atrapalhada, para transpor obstáculos da vida.

E como os brasileiros sabem driblar!

Driblam violência urbana, violência doméstica; driblam crise econômica e falta de dinheiro; driblam perdas e decepções; driblam carências as mais diversas.

Usam de passes mágicos para contornar as dificuldades do existir e, assim mesmo, conseguem sempre estampar um sorriso no rosto, ter uma piada pronta para cada

situação, usar do seu peculiar “jeitinho” que ajeita as coisas quando tudo parece estar se perdendo.

É artista, o brasileiro.

Porque, como um dançarino, “samba” para seus problemas; como um cantor, transforma tudo em mais um “ritmo” que satiriza suas próprias falências; como pintor, desenha e colore mesmo seus dias mais cinzas. É tal qual maestro, que rege sua existência da forma que melhor consegue. No seu ritmo...

No seu próprio ritmo, dribla a vida e os dias que vem e logo findam, na rapidez similar aos cronometrados minutos de um jogo, onde o objetivo é marcar gols e vencer.

O brasileiro, na vida, contenta-se em só driblar. Vencer nem sempre é o resultado alcançado. Mas, ainda assim, dribla muito bem e, quando chega ao “fim do jogo”, percebe-se, ele próprio, um vencedor.

Data : 30/03/2018

Título : ESTAÇÃO DE FOLHAS AO VENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Comparação da vida às estações, que passam e transformam, até retornarem e cumprirem o mesmo ciclo a que o homem se submete.

As estações, mesmo que sazonais, temporárias em seu prazo de acontecer e se repetindo sempre, a cada novo ano, podem deixar marcas.

O Outono é, para muitos, a estação preferida. As cores do céu, o clima ameno, as árvores se desfolhando, se mostrando na intimidade de sua nudez - e como há beleza nas árvores desnudas. Ficam ali, expostas, em plena fase de renovar-se e se preparar à espera de novas folhas, flores e frutos. São tantas daquelas folhas de cores únicas espalhadas por todos os lugares, inquietas pelo vento que as faz dançar, tão leves, mostrando que mesmo sem aparente vida ainda se movem e tão somente estão a cumprir uma missão, concluindo um ciclo.

Na verdade, essa suposta morte não existe. E a vida, é como as folhas das árvores no Outono: um sopro na hora certa e sob o olhar atento de Deus, faz desprenderem-se das árvores e seguirem o ciclo.

De uma estação a outra, vai-se vivendo, vai-se desfolhando, renovando flores e frutos. Houve, porém, um Outono único, que deixou marcas e tal como essa estação que tantos amam, desfolhou. Dentro daquele ser que esperava novas estações, pairou por um tempo, só o frio que deveria vir apenas no inverno... Foi a estação das folhas que se desprenderam da árvore, outrora inteira, deixando-a nua.

Difícil se sentir despido. Porque antes, havia calor e floresceu aquela árvore e de sua flor havia um fruto por nascer. Mas ele não frutificou por completo, caiu antes de amadurecer; apenas apontou na árvore, num curto lapso de tempo, como o das estações que passam pela vida das pessoas.

Mas, como dito, não morrem os frutos, assim como não morre a vida em cada estação. Apenas se transmuta, de sonho frustrado a um novo sonho por ser cultivado; de fruto antes caído, haverá novo fruto a ser colhido.

Por que haverá o tempo – o tempo certo – em que o calor do verão vai aquecer novamente os sonhos novos que virão como novas flores, e delas renascerão novos frutos.

A vida é um eterno experimentar e transpor estações.

Embelezados pela Primavera, aquecidos pelo Verão, desnudos pelo Outono e renovados pelo Inverno... assim seguimos.

Data : 10/05/2019

Título : FOI ONTEM

Categoria: Poesia

Descrição: Poesia

Sonhava.

Parecia estar tão longe...

Ia ser tudo perfeito!

Podia programar.

Mas tinha tempo!

Achava...

O tempo veio,

Mudou coisas. Mudou pessoas...

Transformou...

Desfez...

Marcou...

Desesperançou...

Machucou...

E fez sarar...

Lembrou dos sonhos!

Podia não ter mais tempo...

Não ser mais o tempo...

Mas ousou sonhar.

E o tempo foi gentil.

Reduziu a marcha, estacionou, permitiu...

Tudo sendo planejado com a doce pressa de quem já serenou.

Com o tempo, como o tempo.

Os sonhos se realizando...

E foi apenas ontem, logo ali, que sonhou!

Foi ontem.

Está sendo hoje.

Data : 04/12/2018

Título : INDEPENDÊNCIA, OU VIDA!

Categoria: Crônicas

Descrição: Crônica sobre as ruas da cidade, em especial, a Rua Independência, de Passo Fundo.

As milhares de vias públicas, urbanas ou rurais, na cidade de Passo Fundo, representam parte da história da cidade, rememorando personalidades, cidades, estados, países, pessoas, símbolos e outras tantas referências que são utilizadas para nominar as ruas da cidade.

Seus nomes servem como referência, é claro, mas também as personificam, dando-lhes uma identidade peculiar, um certo “que” de familiaridade a quem se refere a uma ou outra rua, ou mesmo a quem mora ou frequenta estas vias. A rua Independência, por sua vez, remete ao grito do Imperador, em data célere do Brasil, proclamando a voz de um país por liberdade e autonomia, sob pena de revolução. “Independência ou morte”, foi a frase que imortalizou o termo, cuja palavra, ao longo da história, nomeou diversas ruas, avenidas e estabelecimentos por aí afora.

Em Passo Fundo, morar na Independência e tráfegar por ela, é muito mais do que rememorar a história. É fazer parte desta rua, que traz consigo muita energia, movimento, novidades, possibilidades, que proporciona fatos casuais ou mesmo histórias que perduram por toda uma vida, seja por momentos bons, encontros, reencontros, ou, infelizmente, por situações nem tanto felizes; mas que marcam, como o nome desta via, aqui tão popular.

A ‘Indépe’, como é chamada pelos jovens que a frequentam nas longas noites de festas e lazer aos fins de semana, é o chamariz para aqueles que querem apenas curtir, relaxar dos dias de trabalho, conhecer gente diferente, deixar-se levar pelas aventuras imprevisíveis da vida noturna, só freados pelo raiar do sol do alvorecer seguinte.

Para os que residem ao longo da Rua Independência, as noites já não são tão festivas assim! O que para uns é festa e agito tão esperado durante a semana, para os moradores é barulho que impossibilita o descanso, que faz das noites uma interminável espera pelo dia... Dia que virá com calçadas e ruas cheias de lixo e sujeiras das mais diversas fontes e, senão, com notícias de alguma ocorrência policial desagradável.

Aos comerciantes desta antiga e famosa rua, se pode dizer que estão numa vitrine para a venda de seus produtos e serviços. Ladeados por uma conhecida praça, pela Catedral, por Bancos e lojas, instituições públicas, locais de lazer e alimentação, etc.

O poder público, por sua vez, tem a Independência como assunto já problematizado e de estudo para encontrar soluções que atendam todos os públicos, no que diz respeito ao barulho, violência e incomodações diversas que surgem da aglomeração que a rua proporciona, sem interferir na liberdade e lazer dos cidadão.

Ao final, impossível que a Rua Independência deixe de ter suas características tão únicas e de renome que se conhecem além dos limites da cidade. Não seria sequer mudando seu nome ou mudando sua rotina, que se perderia o que ela já possui como seu. Sua identidade. E identidades não se apagam enquanto há vida pulsando. Vão além do nome. Se traduzem na força do movimento, seja das pessoas seja da própria Rua, que cada ano se reinventa, também imutabilidade das pessoas, inovando e atraindo novos olhares e frequentadores.

A independência desta rua se refere a qualquer sensação que lembre energia, vitalidade, movimento e alegria. Seu grito e sua voz - voz que emana das calçadas e paredes das

construções, dos bares e restaurantes -, é a voz de todos que com esta rua se confundem,
e refletem um só som: Independência é vida!

Data : 03/08/2018

Título : LOBO-CÃO

Categoria: Poesia

Descrição: O homem e seus animais internos.

Instintos me motivam a ser arredio.
Reflexos me ensinam a atacar.
Reajo quando sinto medo.
Sou belo e ninguém de mim se aproxima.
Me defendo.

Instintos me ensinam a pedir carinho.
Reflexos me ensinam a brincar.
Reajo quando ganho atenção.
Sou belo e todos chegam até mim.
Me entrego.

Necessidade.
Necessidade.

Um que evoluiu do outro.
O outro que nunca deixou de existir.
Um que está cada vez mais domesticado.
O outro que nunca se deixará domesticar.

Sou lobo.
Sou cão.

Data : 10/05/2019

Título : LUZ E SOMBRA

Categoria: Poesia

Descrição: Poesia

Escurece...
O barulho é só o do vento.

Já não fala, grita!
O resto é silêncio assustador.
O som dos carros na rua fica longe.
Foge-se. Do que?..
Pingos grossos, imponentes...
Não há mais caminhos.
Sem passagem para as gentes, só para a água.
Lava...
Onde está o céu?
Só nuvens.
Sem luz, só sombra.
Medo.
O escuro assombra.
É tempo de tormenta.
De onde vem?
Para onde vai?
Onde estamos?
O que vai acontecer?
É só chuva?
Ou algo mais que vem e vai e assusta e atormenta?
Minutos... e, se foi.
Clareia!
E o som dos carros volta a ser ouvido...
Buzinas, pressa, tempo perdido a ser compensado.
E 'as gentes' esquecem da tormenta dos céus e voltam a lembrar das suas próprias...
E o escuro permanece nelas...
Precisam de chuva para levar tudo embora... e clarear-se.

Data : 01/08/2018

Título : LUZ PISCANDO

Categoria: Poesia

Descrição: Em busca da luz que faltava para enxergar o caminho, sair das repetições.

Todo o resto é escuro.
Nada se enxerga.
Me bato em cantos, sem aviso.
Dói.
Volto.
Recomeço.
Outra direção.
Não há tanto espaço.
Nem muita opção.
Canso.
Sento.
É confortável.
Perco tempo.

O tempo passa.
Aonde ir?
Por que não ficar?
Olho para trás.
O que tinha lá?
Não sei.
Está longe.
Não existe mais.
Só o que existe é uma luz.
Num cantinho.
Tímida, ela brilha.
Chama.
É chama.
Motiva.
É para lá.
Eu vou!
E tudo se ilumina.
Havia muitos caminhos.
Estavam sempre ali.
Faltava luz...

Data : 15/06/2018

Título : RETORNOS NÃO EXISTEM

Categoria: Crônicas

Descrição: Sobre a impossibilidade de voltar no tempo.

A placa à frente indicando retorno em tantos metros, só existe nas pistas e vias de circulação de carros. Não foram feitas para a vida das pessoas e não adianta se deixar ir levando pelos enganos ao longo da estrada, aguardando que em seguida a tal sinalização venham novas chances de retroceder. Seguir em tal ou qual direção exige passos à frente, sempre à frente.

Veja só, errar, arrepender-se, desistir e parar, que seja; nada disso abre a possibilidade de voltar, retornar. Pode-se, sim, fazer novas escolhas, seguir outros rumos, decidir por novos destinos. Mas voltar, não.

Equivoca-se quem diz - e pior, acredita -, poeticamente, que há sempre como retornar ao ponto de onde se caiu, para dali, levantar-se e continuar. Com o perdão dos discordantes, a vida é isso mesmo: caminho sem volta. É experiência nua e crua, de ônus inerentes a cada escolha e bônus, também, claro. Mas, sempre em frente, na busca de um futuro que se distancia de forma proporcionalmente maior com o passar dos dias e do longínquo passado que para trás ficou.

Aliás, o futuro sequer existe. Ele é mero anseio de um presente que se está vivendo. É ainda menos real do que fora o passado, pois esse, de fato um dia também foi presente, e dele se podem guardar recordações de momentos vividos, resgatar lições. Desta forma, inexistindo o futuro e sendo inevitável a impossibilidade de retornar ao passado, não parece mais sábio - para não dizer óbvio, que resta apenas o aqui e agora?

Nos devaneios de "retornar ao ponto de onde errou", consome-se tempo precioso do "seguir adiante de onde parou". Até, porque a vida é nada estática e nunca o tal ponto onde se errou estaria lá atrás, paradinho, esperando o regresso do viajante arrependido. Por mais complexo e abrangente que seja o tema - que aqui não se busca discorrer - das tantas vidas que se pode viver, certo é, pelas experiências evolutivas que o ser humano vivencia, que não há chances de retorno nessa específica existência terrena, cuja trajetória quase nunca é retilínea e não possui placas de retorno. Atente-se às outras "placas de sinalização" ao longo do percurso: de refúgio para o descanso momentâneo e reflexões sobre quais rumos tomar; de atenção quando é preciso refrear pensamentos e avaliar ações; PARE quando todo o caminho está por perder-se e seja necessária uma nova programação na rota traçada... Enfim, siga em frente, sempre.

Data : 10/05/2019

Título : SOMOS TODOS OUTONAIIS

Categoria: Crônicas

Descrição: Crônica sobre as estações da vida.

SOMOS TODOS OUTONAIIS

"Repara que o outono é mais estação da alma que da natureza."

Carlos Drummond de Andrade

Somos sazonais...

Enquanto mudamos e evoluímos conforme a idade, fase ou época da vida nossa sazonalidade vai mostrando uma característica intrínseca, que nos molda, nos é parte.

Assim como as estações do ano, ligadas à mutabilidade da natureza, do clima e de tudo que deles depende para estarmos vivos, somos seres de estações múltiplas...

Nascidos para florir, na visível beleza e alegria das flores que surgem na primavera, nossas vidas também florescem joviais e renovadas a cada novo ciclo, seja iniciado na tenra infância ou nas múltiplas renovações que nos são permitidas repetir ao longo da existência.

No auge de conquistas, objetivos alcançados, batalhas vitoriosas, amores, liberdades e paixões são momentos em que vivenciamos na pele o calor do verão e todas suas sensações e euforias.

Quando “invernamos”, junto da estação mais fria e na ausência de cores e calores, experimentamos aqueles períodos de estagnação, de reflexão, de sentir perdas e avaliar ganhos, de fazer balanços, rever objetivos ou, mesmo, tão somente, de se aninhar em nós. É quando buscamos nos aconchegar naquilo/naqueles que nos aquecem, quando o frio insiste em querer entrar.

Todavia, no outono de nós mesmos, é que esta estação da natureza se revela nossa própria estação; uma passagem peculiar da alma de cada um, no seu momento de desnudar-se e preparar-se para novos ciclos.

Nos nossos outonos a alma não tem a clareza radiante do sol, nem o colorido das flores, mas, tampouco se mostra toda escuridão gelada.

No dizer poético de Drummond, em “Fala Amendoeira”, pegamo-nos meio “desorganizados” e, parafraseando seus versos, vamos carregando conosco um resto de verão, uma antecipação de primavera e mesmo, reparando bem no vento que nos assola pelas madrugadas; somos espreitados por algum indício de inverno.

Em identidade com os galhos que se percebem sozinhos, abandonados por suas folhas que, livres, se lançaram em voo solo levadas pelo vento sereno e morno do outono; também nós, quando “outonamos” nos percebemos desnudos de tantas coisas que não nos compõem mais... Desfolhamo-nos por vontade própria ou não, mas, por certo se vai de nós aquilo que não mais deveria estar, que não deveria mais ficar. Perdas também são necessárias para que o novo se instaure...

Bom é saber que, da mesma forma natural que a primavera da natureza, também nós voltamos a florescer depois de um período de galhos expostos. Não sem antes, necessariamente, passarmos por um período gélido de desafios e fortalecimentos: os nossos invernos pessoais, que vem zunindo em ventos fortes e batendo portas, forçam que nos fechemos e nos protejamos do frio que, por vezes, alcança a alma... Após e novamente, em eterno ciclo, com o calor de uma nova estação, resplandecemos mais uma vez.

Melhor que transponhamos esta estação de forma a assimilar as folhas que se vão, as fragilidades que se mostram na nudez de nossos galhos expostos e que, no decorrer dos dias temperados, com climas amenos e cores restritas – mas não menos belas, preparemo-nos para as novas florações... Mais uma vez, trazendo Drummond, que nos “outonizemos” com paciência e doçura:

“...sou tua árvore-de-guarda e simbolizo teu outono pessoal. Quero apenas que te outonize com paciência e doçura. O dardo de luz fere menos, a chuva dá às frutas seu definitivo sabor. As folhas caem, é certo, e os cabelos também, mas há alguma coisa de gracioso em tudo isso: parábolas, ritmos, tons suaves... Outoniza-se com dignidade, meu velho.”

Afinal, somos todos sazonais. Outonais...

